N.º 3 (125) – 3.º ANNO Terça-feira, 15 de Novembro de 1910 PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR
ESTEVÃO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA
EDITOR—ALBERTO BARBOSA

Composto e impresso na A EDITORA—L. do conde Barão, 50

SUCCESSOR DO JORNAL O XUÃO
Redacção e administração, T. da Espera, 53, 1.º—LISBOA

AGUENTA QUE É SERVIÇO

S.S.

—Este tem de deixar de ser besta de carga e aquelle é que é proprio para você montar é mais commodo.

—Eu protesto. Vou difamar a Republica. Vou pedir a intervenção estrangeira.

—Cala a bocca, urso! O' amigo Affonso deixe o lá zurrar á vontade, tire-me lá esta albarda, que já é tempo.

Machado Santos

Cá estou eu de chapéu na mão, reverente, curvado, agradecido, a saudar com todas as veras do meu intimo o grande heroe da Rotunda, que implantou a Republica em Portugal, enxotando essa corja de patifes, que com as suas reverendissimas poucas vergonhas queriam levar isto tudo *p'ró major*...

Com a barbinha feita e o fato mais catita que pude envergar, envio ao bravo commandante a expressão mais sincera do meu raconhecimento e os preitos de homenagem, a que tem jus pela sua lealdade e valentia.

Antigamente no dia de S. Martinho empiteirava-me muito rasoavelmente por essas baiúcas e acordava no dia seguinte, esfalfado, com a bocca a saber a ferros-velhos. Hoje só ao pensar que o brioso Machado dos Santos tinha um retrato todo *chic* na pagina central do meu periodico mandei á tabúa todos os santos e santas, piteireiros ou não, e não bebi nem um decilitrinho, porque não queria cheirar a murraça quando gritasse em voz de trovão:

—Viva Machado dos Santos!

Devemos confessar, com franquezinha, que temos uma divida em aberto para com elle, á qual nunca mais se saldará, de tal grandeza é o favor prestado. Machado dos Santos foi um desinteressado cooperador da causa republicana, portou-se como o mais valente e estava prompto a luctar até ás ultimas pinguinhas pela ideia do povo, a despeito de todas as contrariedades e trapalhadas, que porventura surgissem.

Na Rotunda não tinha mãos a medir. Elle mandava, gritava, barafustava, bufava, avançava e atirava sempre com a mesma força de animo e a mesma energio de acção.

Foi um *machado* terrivel para a monarchia, com a lamina mais estreita ainda que uma folha de papel *Zig-zag*, mas longe de ser *dos santos*, provou ser um homem de todos os diabos, mais azougado que o proprio mercurio! E' um homem ás direitas e se não fosse com medo que elle se zangasse cá com o rapaz, dava-lhe na cara uma beijoca muito repenicada, que se pudesse sentir em Inglaterra onde passeia o pequeno, que queria mandar cá esta tropa toda... Pegava n'elle com ambas as *mões*, levava-o em triumpho pelas ruas de Lisboa e não me cançava de o apontar aos estupidos, que pasmavam de bocca aberta com cara de parvos, por me verem sobraçar o heroe mais lindo, mais bello e... mais teso que eu tenho visto e conhecido.

Ora agora digam cá vocês com sinceridade se alguem dá cinco réis por elle, se não souber quem ali está?!

Com a figura franzina, baixo, de oculos, com cara de poucos amigos eu tenho a certeza, que se não soubessemos as suas ideias, diriamos ao vê-lo passar:

—Lá vae um *thalassa!*

Depois iamos vigiá-lo e só dariamos pelo engano quando o nosso Machadinho nos dissesse, que apesar dos oculos não era jesuita, que apesar de ser baixo podia ser mais *alto* que todos os outros e que apesar de ter cara de poucos amigos era, afinal de contas, um cavalheiro amavel, cortez, attencioso, d'aquelles que a gente costuma dizer que tomaram chá em pequenos.

MACHADO SANTOS

I

Um intrepido heroe, um bravo combatente
Libertador de um povo á força acorrentado,
Foi no combate leal, impávido, esforçado
No triumpho é modesto e pompas não consente.

No puro coração da lusitana gente
Em letras de chrystal seu nome está gravado;
Na Historia ha de ficar p'ra sempre consagrado,
Em nossa estima tem lugar proeminente.

Na simples saudação que me sahiu da penna
Não ha da adulação o virus que envenena,
Mas a expansão sincera altiva e liberal.

O povo portuguez, heroe d'antigas eras
Não julga o seu passado um sonho de chimeras
Pois hoje inda ha heroes no bravo Portugal!

Julio Dumont

II

Altivo e vingador, soberbo e genial,
No peito acalentando a fé da Liberdade,
Soltou com energia um brado de verdade
A' patria dedicou um hymno colossal!

Em lucta sobrehumana, impávido, immortal,
Ao ecco dos canhões com alma e com vontade
Levou até bem longe a sua heroicidade
E deu ao forte luso um novo Portugal!

E foi de terra em terra e foi de mundo em mundo
A' montanha mais alta, ao valle mais profundo
Em canticos bradar ás varias gerações

Que não podem morrer os filhos d'essa gente,
Que abriu de par em par as portas do Oriente,
Emquanto houver no mundo a Biblia de Camões!

Alberto Barbosa.

O nosso periodico está hoje em festa; nas janellas cá da casa temos hoje brilhante illuminação de balões á veneziana, e tudo isto ainda é pouco, porque sou pobresinho e ainda não ha muito tempo andava curvado pelo peso de tantas albardas e de tantas alcavallas.

Se tivesse mais *carcanhoes* dava hoje uma jantarada de arromba em louvor do Machado dos Santos com arroz dôce, vinho fino, giripiti, etc. e fazia-lhe um discurso tão bonito e tão sincero que mettia n'um chinello o meu Antonio Zé d'Almeida, que falla que é mesmo um encanto!

Assim limito-me a dar vivas ao Machadinho valente, a enviar-lhe um chi-coração muito apertadinho e a estampar-lhe a physionomia no meu numero de hoje.

Acham pouco ainda seus tolinhos?

Se querem mais festança enviem depressa *massa* que se encarregará de arranjar o pagode

O Zé.

EXPEDIENTE

A todos os cidadãos que se nos têm dirigido pedindo para lhe remettermos o 1.º numero d'O Zé temos a dizer-lhes que em breve serão attendidos, pois vamos fazer nova edição, isto é, a 3.ª.

Contam os jornaes que um pobre soldado que foi um heroe na campanha dos *cuamatas* foi agraciado pela monarchia com a Torre e Espada e a pensão annual de noventa mil réis.

Não era grande a ucharia mas antes isso do que nada.

O diabo, porem, é que o valente soldado só viu a condecoração no peito... dos outros e a respeito dos noventa mil réis nem de longe conseguiu pôr-lhes a vista em cima.

Se se tratasse de algum *masmarro* que precisasse de dinheiro para ter jornal onde desse coices nos liberaes, o cofre do thesouro estava aberto.

A administração e «moralidade» monarchicas foram sempre assim.

Agora que isso já lá vae com todos os diabos, é justo que a Republica dê a pensão ao pobre soldado.

Cremos que o governo provisorio assim fará.

Emquanto a brava commenda
O soldado póde esp'rar,
Sem que o seu valor se offenda,
Mas a *massinha*, essa prenda,
Isso é que lhe ha de faltar.

•

O rei *tumba* tinha ao seu serviço uma policia preventiva que custava tres contos tresentos e sessenta mil réis por anno.

Está claro que não era elle que a pagava, porque os reis não sabem conjugar esse verbo.

Afinal para que lhe serviu a tal *preventiva?*

Tinha-lhe servido para mais uma «secreta» para as «Necessidades».

Era gastar sempre á larga
Para *encher* muito taludo,
E o *Zé* a besta de carga
Callado pagava tudo.

Té que um dia pôz-se á tesa
O regime fez em postas.
E lá foi a realesa
Co'a mala da mãe ás costas!

•

Affirma-se que o decreto regularisando o pagamento das rendas de casa sae antes do dia 20 começando logo a vigorar.

Que grande chi-coração que o *Zé* dá no Affonso Costa n'esse dia!

Os agiotas e os preguistas hão de amolar o caso, fazendo côro com o senhorio Harpagão, mas de nada lhes servirá.

Chorem na cama que é parte quente por que quem mais chora menos... soffre.

Não tenham gestos soezes
Porque a lei é sempre forte.
Recebam a renda aos meses
E inda estão com muita sorte.

Mas se com ideias toscas
Refilam como insensatos
Deixem 'star a casa ás moscas,
A's aranhas mais aos ratos.

ORLANDO.

—Que a Liga do Carapau
Apanhou grande quinau.

—Que a traidora monarchia
Foi já p'ra... *Casa da tia*

—Que os paspalhos e pespêgos
Ficam sem *chucha* de empregos.

—Que o famoso Benebruto
Cada vez é mais matuto.

—Que o Mattos, bom rapazinho
Rezou muito a S. Martinho.

—Que a Gaby, menina bôa
E' rainha... mas sem c'rôa.

—Que o nosso *tio* Bernardino
Cada vez está mais fino.

—Que o jarreta *Immaculado*
Foi-se ao chão... ficou tramado.

—Que da caridade as manas
São todas republicanas.

O *macaco azul* vem restaurar a monarchia em Portugal á frente de um exercito de Cacilhas.

Elle vem á frente, mas não traz o monoculo para não ser conhecido entre elles.

Está bom!

A imperatriz da Allemanha foi agora nomeada coronela honoraria d'um regimento qualquer.

Qualquer dia temos ahi a D. Rebolona generala e a D. Fernanda capitona...

A' certa!

Granadas... a granel

III

O cura!

Bojudo padre cura, em cuja pança
Se albergam bellos nácos de lombeira,
Regados com copinhos da frasqueira
Que os freguezes lhe mandam por lembrança!

Assim vive esse porco na abastança
P'ra regalo da farta toucinheira,
A fungar repimpado na cadeira,
Onde todo risonho se balança!

Em casa tem mulher! Um mulherão
De cara avermelhada e muito lisa,
Ancas largas, bom peito e bom pernão!

A' bella dá-lhe tudo que precisa
E os filhos que possue esse peixão,
Elle os faz, elle os veste, elle os baptisa!!!

XAVIER DE MAGALHÃES.

O *pulha d'Aveiro* reappareceu mais mansinho mas arrebitando ainda as porcas orelhas.

Pois tenha cautella não lh'as cortem.

Ha quem se preste a isso embora tenha de sujar as mãos n'essa porcaria,

Ultima hora

Redacção Zé—Lisboa.—Acerca de Manuel poder rir-se com mulheres, elle mesmo me disse que só pode uma vez por mez.—*Gaby.*

•

Redacção do Zé—Lisboa.—Ao primeiro tiro tocou telephone. Cheguei apparelho á bocca, mas nada.—*Alpoim.*

•

Redacção Zé—Lisboa.—Estava garrafa Vidago em punho, quando ouvi bombas. Estampido rôlha saltou e espuma foi tanta que engasguei-me. — *Teixeira de Sousa.*

•

Redacção Zé—Lisboa.—Quando principiou estava fazendo uma poesia. Logo larguei, corri S. José que conservo entre mãos. *Gomes Leal.*

•

Redacção Zé—Lisboa.—Não sabemos que fazer vida. Estamos a ver ter nos dedicarmos ao ponto. - *Um grupo de canastras.*

•

Redacção Zé Lisboa. Batata ser fresca para correr monarchicos e tomates vejo haver mais lá que cá. Saude.—Porto—*Maria do Bolhão* (vendedeira).

•

Redacção Zé — Lisboa. — Protestamos intermedio redacção. Trabalho tanto que para estarmos de arma na mão precisa mos sentarmo-nos—Pelas sentinellas, *João Mafarico.*

•

Redacção Zé—Lisboa.—Não me felicitem decretos publicados: o mais teso tenho ainda aqui á frente. — *Gabinete do Dr Affonso Costa.*

Dos publicos empregados
O cebo augmenta na manga.

GLOSA

Já não temos feriados
Grandes galas nem pequenas,
Adeus pandegas amenas
Dos publicos empregados!
Ficamos abananados
De mandriice á piranga
Mais trabalho e'té por zanga
Que nos causa grande enguiço
Com mais dias de serviço
O cebo augmenta na manga.

AMANUENSE.

Sarau Academico

E' cada vez maior o enthusiasmo do publico por esta festa.

Representar-se-ha uma das mais bellas peças do insigne escriptor Julio Dantas, que teve a gentileza de ensaiar e apresenta-se uma grande orchestra academica.

Epitaphio

Aqui descança um chapeu
Ha tempos posto de lado,
Pois o dono, o *Zé Ilheu*
'té que emfim se arrependeu
De o trazer tão ensebado!

VIU-SE GREGO.

HOMENAGEM AOS HEROES DA REVOLUÇÃO
DAS TREVAS PARA A LUZ
MACHADO DOS SANTOS
SILVA E SOUZA

— Deixarem de apparecer todos os dias novos jornaes.

— O Marquez de Soveral deixar de zurrar asneiras em Inglaterra.

— Saber-se onde está a valentia dos monarchicos enthusiastas.

— O Correia d'Oliveira e o João Maria Ferreira fazerem mais versos a *reis*.

— Haver alguem em Lisboa que não seja republicano.

— Acabarem as manifestações patrioticas em Lisboa.

— O nosso jornal deixar de se esgotar todas as semanas.

— Saber-se a razão que teve a empreza do theatro Apollo para não levar a peça do nosso collega Penha Coutinho *Ditosa Patria*.

— O Dr. Affonso Costa deixar de apresentar decretos.

— O Gomes dos Santos dizer uma verdade sobre os acontecimentos revolucionarios.

— Saber-se em que se entretem actualmente o reverendissimo bispo de Beja.

— A ex-rainha D. Amelia deixar de ter esperança de outra vez... *reinar*.

— Darem resultado positivo as associações dos jornalistas, que n'esta occasião se vão fundar.

— Saber-se a maneira de pagar a divida externa.

A AURORA

Um ar mais livre e puro emfim respiro
Não vendo em meu redor a reacção,
Que tanto rebaixou esta nação;
Oh! Quanto a Liberdade d'hoje admiro!!

—Portugal: E's emfim guarda e retiro
Da Aurora d'essa tão nobre Ambição!
Do mundo uma vez mais a admiração,
Forçado a correr tanto pôdre a tiro.

Não tem barreiras, não, minha alegria,
Não tem tua bravura nada igual,
Ressuscitaste como por magia!!

Que o mundo saiba emfim que Portugal
Não só ambicionava, mas sabia
Levar ao fim um grande e nobre Ideal!

A. NEVES.

O Barão do Salgueiro

O Barão do Salgueiro declarou aos *cinco* ventos (entrando um que não vem na *rosa* dos ditos) que em vez de se assignar José de Faria Pinho Vasconcellos Soares d'Albergaria, se assignava para o futuro simplesmente *José Pinho*.

Pois amigo barão, lavre lá dois tentos, mas olhe que não ganha a *taça*.

O *Zé* tambem tem muitos nomes, e bem bonitos, por signal, mas o mais querido das damas... de copas. . e páus, é este assim: *Zé!* Tomára você ter o nosso na mão para se fartar de rir...

Pois sim... mas anda lá

Consta-nos que o presidente do governo foi cumprimentado pelo dr. Santos Farinha.

Será verdade, mas quer-nos parecer que *Santos* d'aquelles já não fazem *farinha* com o presidente.

A uma ex-freira

Já respiras o ar da Liberdade,
Já vês o sol que nasce para todos,
Não mais darás aos padres carnaes bodos
E a quem não respeitava a tua edade.

Perdida no convento a virgindade
Após alguns «santissimos» exodos,
Do fanatismo suja dos vis lodos,
Tinhas perdido a rósea mocidade.

Hoje és d'um povo livre cidadã,
Tens deante de ti um Amanhã
Libertador, honrado e de labuta

Mas se inda sentes n'alma uma lembrança
D'essa clausura vil, então creança,
Engeita a honra e faz-te prostituta.

ORLANDO.

O reconhecimento

Até que emfim as principaes potencias da Europa reconheceram a Republica Portuguêsa, e entre ellas a Inglaterra.

Todos os homens de acção se sentem satisfeitos por terem chegado os inglêses á barra... do nosso reconhecimento.

Vae-se organisar um bando precatorio para acudir a quem foi victima de tantos bandos.

E' justo.

Ao ler o reconhecimento da Republica pela Inglaterra uma patriota gritou enthusiasmada:

— Bravo, bravo! Estou com os inglezes!

Os senhorios estão fulos com a ideia de só receberem as casas aos mezes.

Pobres animaes, coitadinhos!

Já valente e destemido
Com tesura de arrombar,
Mostrei ao povo atrevido,
Que apezar de perseguido
Tenho os *brios*... no meu logar.

Dei abraços ás nações
A gritar abri a guella,
A' França dei apalpões
E beijinhos aos milhões
Na salerosa Castella.

Depois com geito e com manha
Desejando ser gentil,
Sem lembrar antiga sanha,
Ao collo tive a Allemanha,
E gritei: viva o Brazil!

Agora sou sem favor
O maior dos portuguêses,
E disse á minha Leonor
Que apanhando um bom calor,
Tambem 'stive co'os inglezes!

PRESIDENTE.

Aos portuguezes, ao exercito e á marinha

Heroes que levantaste o nome já famoso
Da Patria vossa mãe, do velho Portugal,
A historia bemdirá esse acto grandioso
Que vos enobreceu á face mundial,
Em cunhos de relêvo, em finos diamantes
Dizendo que tal raça é raça de gigantes.

A onda repelente, á voz da tyrania
Em uivos de rancôr, feroz rapacidade,
Roubava-nos a honra, o nome nos vendia
E sobre um charco vil jazia a Liberdade
Prostrada n'agonia, o peito em convulsões,
Reliquia conquistada a sangue e privações.

Erguia-se uma casta, a lepra, a podridão,
A velha dinastia, o cancro social,
Na sombra sem fragôr urdiam a traição,
Tramavam contra nós; vendiam Portugal!
Canalha realenga envolta n'uma estola,
Caterva de mastins da seita de Loiola.

Mas eis que vem o dia, a hora desejada
Por todo o portuguez, illustre descendente
De Gama e d'Albuquerque, a raça decantada,
Que deu com todo o amor e brilho aurifulgente
Exemplo de valor de que não ha memoria
Engrandecendo mais o nome á lusa historia.

Então a branca luz que ora vos guiou;
A chamma crepitante em peitos valorosos,
N'um facho grandioso alfim se transformou
Illuminando pois a fé dos revoltosos,
Os leva n'um fervor de são patriotismo
A feitos colossaes de gloria e de heroismo.

Dizei a todo o mundo, á grande humanidade
Que o ferro dos grilhões que o pulso vos feria
Quebraste-os com fragor á voz da Liberdáde,
Agora o fundirás em armas de valia.
Em armas sem rival o ferro é convertido,
Em symbolos reaes d'um povo engrandecido.

Saúdo vos então heroicos portuguezes!
Que a vossa obra seja altiva no futuro
A Patria defendei em todos os revezes
Com vosso grande amor tão bello, honesto e puro
Cantando-a com fervor em hymnos de grandeza!
Cantai a vossa Patria ao som da «Portugueza»!

STYL.

Parece impossivel...

Ora vejam lá a que estado chegou a Egreja Catholica Apostolica!

O representante do Santo Padre em Lisboa é o Cardeal... *Mazella!*...

BRAVO!

AO «REI SAGÁRA»

Bravo *seu* heroe, gostei de o ver
Da legação 'spanhola, heroico, em frente,
Soltar um viva audaz, d'alma, fremente,
Pela Escola Moderna de Ferrer!

Foi só a sua voz que sem temer
Se ergueu por sobre todas tão ardente,
Mostrando que o moderno povo ingente,
Não póde a afronta vil, mais esquecer!

Não leva o seu protesto offensa alguma
Pára a Hespanha moderna, a Plebe summa,
Do povo portuguez querida irmã;

Apenas é um grito d'alma pura,
Que vendo alto adejar sotaina escura
Põe os olhos na esp'rança do Amanhã!

VIU-SE GREGO.

Ai crédo!

Diz-se que o Soveral não descança na propaganda contra a Republica.

Ai que graça tem o macaquinho!

Foi reformado o nosso amigo *Makavenco*.

Parabens, e que occupe a sua actividade paparocando optimos jantares com o «fastio» que lhe é peculiar,

E' o *mal* que lhe desejamos.

—Com que então os inglezes já chegaram ao rego, hein?
—Que me diz?
—A verdade.
—Safa!... outro tanto não digo eu.
—Ora essa!... Porquê?
—Ora porquê!... Por que já lá vae esse tempo.
—Não se trata d'isso!... Trata-se do reconhecimento da Republica pelas nações europeias, e principalmente pelos inglezes. Vocemecê não lê jornaes?
—Leio, sim, mas não percebo o que têem os inglezes com o rego cá da gente!
—Que têem?!...
—Sim, que têem!
—Têem muito! Então se a Republica não fosse reconhecida pelas outras nações, transtornava muito o Commercio .. a Bolsa... Vocemecê sabe o que é uma agitação na Bolsa?
—Se sei!... Diga-me cá a mim o que isso é!... Tenho um primo empregado n'um banco, que assim que presente agitação na Bolsa, vem logo ter commigo para o consolar... para lhe dar conselhos...
—Então já vê o que seria se a Republica não fosse reconhecida.
—Pois sim, mas foi.
—E que grande manifestação que o povo lhe fez! Parece impossivel que haja tanta gente!
—Vocemecê foi vêr!
—Fui, mas vi-me n'um aperto...
—Ah!... sim?!...
—Ora!... faz lá idéa!!...
—E foi só?
—Não. Fui com a Rosalia, aquella que mora lá ao meu lado, mas é um diabo!... Não gosto nada de sahir com ella!
—Então porquê?
—Quando vamos as duas sempre aquelle diabo me ha de arreliar.
—Mas para que a acompanha?
—Ora... que quer? O meu homem foi lá com os amigos... Já vê que eu não havia de ir sósinha.
—Se me tem dito, eu acompanhava-a.
—Eu sabia lá se vocemecê tambem queria ir.
—E gostou da festa?
—Ai, filha, foi um delirio! Aquillo era gente por essas ruas fóra!... Não calcula!...
—Então gosou, não é verdade?
—Podia gosar mais se não fosse com a Rosalia.
—Pois eu no seu caso fazia-me uma mulher perdida.
—Mulher perdida!... Veja lá como falla!...
—Não!... Quero eu dizer na minha, que me perdia d'ella, percebe?
—Foi o que eu fiz. Imagine que ella em frente do consulado francez, tão enthusiasmada estava, que quiz tirar uma bandeira que um homem levava n'um pau, para a agitar tambem. O homem não deixou, e agora aqui começam elles, a puxar cada um para seu lado...
—E vocemecê o que fez?
—Que fiz?! Safei-me sem dar cavaco, e lá a deixei agarrada ao pau!..

ARIEL.

Vem ou quê?

Então a contra-revolução não vem dar cabo d'esta futrica toda? Despache-se senhora Amelia, avie-se menino Manuel...

Carecas... á mostra!

I

(Ao meu camarada REI LUSO)

Amiguinho *Rei Luso* cá 'stou eu
Para chuchar com toda a humanidade,
Até mesmo com Deus, que lá no ceu
Dizem ter uma certa divindade.

Meu estro que é um grande camapheu
Ataca sem ter dó, nem ter piedade,
E seja lá quem fôr, nobre ou plebeu,
Aqui será punido p'la verdade!

Ha momentos na vida tão facetos
Que deixam qualquer vate arrelampado
Embora elle não seja dos mais pilhas.

Não troces, pois ó *Rei*, d'estes sonetos
Pois eu, pobre de mim, fui educado
Lá na Universidade de *Cacilhas!...*

ZÉ ILHEU.

E' boa...

Então não houve um jornal que chamou dedicado correligionario ao capitão Carmona?!... D'aqui a pouco chamam *thalassa* ao dr. Affonso Costa ..

E' ao som do *pianinho* alegre que começo as *theatradas*.

Ecôa o fadinho pandego nas almas de todos nós, vibrado por mãos habeis e costumados a noutadas de esturdi..

Tinhamos sahido do **Nacional** acabando de ver a *Lei do Divorcio* uma bella peça litteraria de Augusto de Lacerda e como de costume entrámos na *Floresta*

Um copo de divino licor inventado pelo pae Noé e quando nos dirigimos para o **Apollo** onde continua a *Luva Branca* bello vaudeville que, aparte a opinião de certos «moralistas» feitos á pressa, agradou a todos.

De subito deparou-se-nos o Maximo, um amigo velho que é minimo na altura sendo um paradoxo do proprio nome.

Outro copo e vivas impressões acerca do **Theatro da Republica** que nos apresenta *O Convertido*, peça em que entra a distincta actriz Adelina Abranches; e uma *tremsada*, perdão uma *automobilisada* para as hortas.

Pelo caminho fallámos das novas peças que vão no **Gymnasio** e que nos dizem ser de *primeirissima*.

A comedia *Filha e Sogra* é uma *pochade* honesta e bem urdida que faz rir á farta.

Tambem se fallou do **Avenida** que ainda tem em scena a *Princesa dos Dollars* que *pegou* e dá bons dollars á empresa.

Vae descançar em breve para o archivo para dar logar ao *Amor de Principe*.

O Maximo foi buscar uma *pêga* que por signal era «ladra» e estava á espera mesmo defronte da **Rua dos Condes** que tem ganho bom dinheiro com a *Tomada de Bastilha* peça antiga mas que agora é mais que moderna.

Alves da Silva e a sua companhia tem conquistado os applausos do povo que gosta do genero dramalhão.

A *pêga* metteu-se na carriola e d'ali ao Arco do Cego foi um instante.

E' pena que os automoveis sejam tão caros e tão fedorentos, porque nós não queriamos outro meio de conducção.

Soubemos que a conquista do Maximo tinha sido corista na **Trindade** que reabre no proximo dia 16 com a revista *O paiz do vinho* do nosso amigo Leandro Navarro e de André Brun modificada com muitas novidades.

Na esperança de voltar para o seu antigo logar de corista deixando o mister de *pêga* tratou de ser condescendente comnosco mal soube que rabiscavamos em jornaes.

E tão lamecha se mostrou durante a ceia que o Maximo afinou com a historia.

Ninguem tem culpa de nós sermos bonitos.

Agora que começou a guitarrada e não tardam as cantigas do estylo é que vão ser *ellas!*

O que vale é que amanhã vou passar a noite ao **Colyseo dos Recreios** para admirar o incomparavel transformista Casthor que é um grande artista.

Se não encontrar bilhete giro para o **Salão Phantastico** que tem ganho um dinheirão com a bella revista *E' phantastico*, que tem linda musica do Manoel Benjamim o nosso dilecto amigo.

Se ali ainda houver *cabidella* é marchar para o **Music Hall** da Avenida e ver a *Viuva Alegre em Cascaes* um hilariante aproposito.

Não podemos escrever mais.

A pega está agarrada a nós, emquanto o Maximo foi lá dentro.

Beija-nos, abraça-nos n'uma furia doida.

O' da guarda... republicana! Não encontramos a carteira que tinha cinco mil réis dentro!...

OSCAR.

NEURASTHENICOS

I

!...

Agarro no papel e na caneta,
Começo a matutar e sem saber
Se versos sem sabor hei-de escrever...
Medito e nada escrevo!... Ora que treta!...

Hei-de dizer que vejo sem luneta?
Que sou marquez ou duque sem o ser?
Que outr'ora vi Moysés sem nunca o vêr?
—Não tenho inspiração, não sou poeta!

Começo novamente a labutar!
A penna no tinteiro outra vez metto
P'ra ver se sou capaz de *rabiscar*...

Mas quanto mais labuto, mais me espeto
Ora bolas!... adeus!... Vou-me deitar
—E assim a divagar, fiz um soneto!..»

REI SAGARA.

Secção Charadistica

Acrostico

1

R
. . . . E .
. . . . I . . .
. . . . L
. . . . U
S
O

Poetas satyricos

Em phrase

2 O animal quando está em Lisboa tem tranquilidade—2—3.

3 O verbo desconfia do tecido—1—3.

4 A nota e a fenda teem piada—1—2.

Syncopadas

5 A tunica tem cauda—3—2.

6 O reptil é extenso—3—2.

Truncadas

7 Este ambar é estrangeiro—3.

8 A fatia tem aversão—2

Combinada

9 1.ª - co—escuro.
2.ª + bo—vara.
3.ª - cil—moldura.
Cambio

Typographico

10 A MÃO

XUÃO.

lho, 158, Rua da Prata, 160—LISBOA.

TRES "PASSAROS" DE GRANDE SORTE, COM SORTE... DE GAIOLA...

O' seu Ribeirinha d'uma canêta, com qué então 300 contos por estes tres pássarões ! ! Elles nem guines valem: só se fosse para os ter de conserva toda a vida.